



entrevista com

# SOUSA COELHO

*Entrevista com Regivaldo de Sousa Coelho, luthier e militar, nascido em Monte Alegre-PI no dia 02 de dezembro de 1975. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 15 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

**Sousa:** Eu sou piauiense. Não conheço nenhum luthier piauiense, principalmente de viola. Essa cultura da viola é mais aqui pro Goiás, São Paulo, Minas Gerais, às vezes as pessoas até estranham: “Pô, você é piauiense, como chegou nessa questão da viola?”

**Domingos: Qual a cidade do Piauí?**

**Sousa:** É Monte Alegre, uma cidadezinha pequena no sul do Piauí, próximo à divisa da Bahia.

**Domingos: Como era lá na infância?**

**Sousa:** Ah, infância na cidade do interior é tudo de bom, não é? *[Risos]* Estava até recordando agora com um colega, falando sobre manga. Nessa época de manga era uma maravilha, cidade do interior, a gente saía pra roubar manga no quintal alheio! *[Risos]* Era uma maravilha! *[Risos]*

**Domingos: Seus pais são de onde?**

**Sousa:** Eles são naturais de lá também. Em 1990, meu pai vendeu a casinha que tinha lá e nós viemos pra cá em busca de melhoria de vida pra gente. Ele sempre foi muito preocupado com essa questão, trouxe todo mundo pra estudar, desde 90 estamos aqui no DF [Distrito Federal].

**Domingos: Como foi essa chegada, sair de uma cidade pequena, vir pra Brasília?**

**Sousa:** É uma mudança bem grande, porque a gente vivia totalmente solto na cidade do interior, não tinha essa questão de violência e de repente se vê numa cidade grande, é totalmente diferente.

**Domingos: Vocês chegaram aqui e foram morar em qual cidade?**

**Sousa:** Em Ceilândia, numa região bem periférica, expansão do setor O. Uma região bem periférica, ainda hoje tem muito problema, mas na época tinha bem mais problemas, principalmente de violência.

**Domingos: Você tinha qual idade nessa época?**

**Sousa:** Quinze pra dezesseis anos.

**Domingos: E aí você foi estudando, como foi a chegada depois?**

**Sousa:** Comecei a estudar e trabalhar logo, meu pai já arrumou emprego pra gente, comecei a trabalhar nessa época, em uma padaria e aí não parei mais. Depois, em 1997, eu passei no concurso da Polícia Militar, sou sargento da Polícia Militar. Isso aqui *[refere-se à luteria]* eu comecei por *hobby*, como já te falei, mas tenho a minha atividade principal.

**Domingos: Você já tinha ligação com música?**

**Sousa:** Sim, eu sempre fui apaixonado por música, apesar de não tocar e nem cantar, mas sempre fui muito apaixonado por música e assistindo um vídeo no *youtube*, cheguei até um vídeo de um luthier, Luciano Queiroz, não sei se você conhece, o Luciano Queiroz é bem renomado já. O título do vídeo é: “Como construir uma viola em doze minutos”. Assisti aquele vídeo, fiquei encantado com aquilo e aí coloquei na cabeça: tenho que construir um instrumento. Só que na época eu morava em Águas Claras, a gente morava em apartamento e não tinha a menor possibilidade de enfrentar um projeto desse, construir uma viola, um instrumento, morando num apartamento. Não tinha nem como mexer com corte de madeira, essa coisa toda. Pus aquilo na cabeça mesmo: não, tenho que construir um instrumento. Mais tarde me veio a ideia de sair do apartamento e procurar uma casa, aí deu certo. Comprei um lote grande em Arniqueiras, hoje já tenho meu espaço construído, onde trabalho, tenho muitas ferramentas, mas comecei, o primeiro instrumento que eu fiz foi, como dizem, na unha mesmo. Eu não tinha ferramenta quase nenhuma e fiz a primeira viola, fiquei muito empolgado. Às vezes nem dormia de noite, querendo que chegasse logo o outro dia pra recomençar o projeto, aquela coisa toda, fui me apaixonando cada dia mais e estou aí aperfeiçoando...

**Domingos:** Esse *start* pra você começar a fazer a viola veio a partir do vídeo ou você já tinha?

**Sousa:** Foi o vídeo que me impulsionou, de verdade foi aquele vídeo. Até tenho vontade de encontrar o Luciano Queiroz, pra falar sobre essa questão do vídeo dele que me impulsionou pra começar a fazer isso. Ele esteve aqui em Brasília dando uma palestra, uma coisa assim, mas não deu pra ir.

**Domingos:** Como foi esse início, você já tinha uma prática com madeira?

**Sousa:** Não, interessante que eu não tinha prática nenhuma com madeira. Meu pai foi carpinteiro muito tempo, mas só de ver fazendo mesmo, não tinha prática nenhuma com madeira. Até me impressionou porque a primeira viola não saiu tão ruim, eu nem gosto de mostrar. Tenho ela em casa ainda, mas não gosto de mostrar, porque se você comparar com esse instrumento, hoje, é uma diferença tremenda. Às vezes tem alguém que chega lá, algum cliente que pede pra ver a primeira viola, falo: “Não, não vou mostrar não!” *[Risos]* Essa é só pra mim mesmo, mas é uma diferença tremenda... A questão de não ter ferramenta, não ter ainda a experiência de saber qual a espessura das peças corretamente. É um instrumento que ficou muito pesado, ela tem quatro ou cinco vezes o peso desse instrumento hoje, talvez.

**Domingos:** Mas ainda assim, quando você terminou, qual foi a sensação?

**Sousa:** O que eu busquei naquele instrumento, no primeiro, momento foi a afinação. Meu objetivo era que desse afinação correta e eu consegui. Fiquei muito empolgado, aí pensei: se deu afinação, o resto aqui a gente consegue melhorar. De certa forma é o que foi melhorando mesmo.

**Domingos: E essas mídias digitais hoje também têm um recurso pra buscar informação?**

**Sousa:** Sim, a partir desse vídeo, quando vi o vídeo realmente coloquei na cabeça que queria mexer com isso, mesmo por *hobby*. Comecei a estudar, pesquisar sobre o assunto, estudei muito sobre madeira. Estudei mais ou menos uns dois anos pra poder começar essa viola. Até porque, na época, eu morava ainda num apartamento e demorou um pouco esse período, a mudança pra casa demorou mais ou menos uns dois anos. Nesse período eu estava sempre pesquisando e estudando sobre o assunto.

**Domingos: Você tinha em mente que lá na frente ia colocar a mão na massa?**

**Sousa:** Exatamente!

**Domingos: Na madeira...**

**Sousa:** É, na madeira!

**Domingos: E o que você aprendeu sobre madeira que pode compartilhar com a gente?**

**Sousa:** Bom, é unanimidade que a construção de um bom instrumento vem a partir da escolha de uma boa madeira. Uma madeira de qualidade, uma madeira já estabilizada. Madeira verde nem pensar pra instrumento, é impossível se fazer um instrumento com madeira verde. Aliás, qualquer peça de madeira, madeira verde vai se movimentar e ela vai... Pra instrumento, principalmente, não tem como. Então a escolha de uma boa madeira é essencial para um bom instrumento.

**Domingos: Você partiu então da viola caipira e continuou construindo viola?**

**Sousa:** Sim, da viola. Eu me especializei mais em viola. Na realidade, eu gosto mais de construir viola, até porque eu toco um pouquinho de viola. Violão eu comecei, mas aí larguei logo também. Gosto mesmo de construir a viola, eu me identifico mais com a construção da viola. A dinâmica de construção da viola e do violão é a mesma coisa. Viola, violão, cavaquinho é a mesma dinâmica de construção, mas eu me identifico mais com a construção da viola. Até pelo som, é apaixonante mesmo o som da viola!

**Domingos: Quais as madeiras recorrentes pra viola, ou que você utiliza mais?**

**Sousa:** Bom, é unanimidade, entre os construtores do mundo, que o jacarandá-da-bahia seja a melhor madeira para instrumento. Realmente, não discordo disso, mas tem outras madeiras. Essa viola, por exemplo, é feita de cedro brasileiro, o cedro rosa. Eu tinha duas violas, uma de jacarandá e essa. Resolvi ficar com essa porque eu gostei muito mais do som dessa viola. Mas isso é um conjunto de coisas, não significa que seja somente a questão do cedro, aqui nesse instrumento, especificamente. É um conjunto de coisas, mas gosto demais do som do cedro. E tem alguns violeiros mais antigos, principalmente, que gostam mais do som do cedro ao som do jacarandá. Sem dúvida, o jacarandá é um conjunto de coisas: é a beleza dele que é indiscutível e incomparável até; e a questão da sonoridade também. Tanto

que o corte do jacarandá é proibido já, há muitos anos, no Brasil, assim como o mogno também. Inclusive as madeiras que eu uso de jacarandá é madeira proveniente de demolição, não se acha mais quase, na natureza, essa madeira.

**Domingos: Por acaso você conhece um fornecedor de madeira que chama Eugênio Follmann?**

**Sousa:** Em São Paulo?

**Domingos: É.**

**Sousa:** Já vi alguns vídeos dele mostrando lá o local dele, já ouvi falar sim, mas não conheço pessoalmente.

**Domingos: É uma pessoa super legal, se você puder entrar em contato, conhecer, ele é muito apaixonado por madeira.**

**Sousa:** Isso. Parece que ele tem um estoque grande de madeira de jacarandá legalizado, de muitos anos, da época que ainda era permitido o corte.

**Domingos: Essa viola [indica a viola que Souza tem em mãos], você poderia falar pra gente quais são as madeiras que você utilizou nessa?**

**Sousa:** Sim. Como já falei, esse é o cedro rosa, o cedro brasileiro. Esse cedro é proveniente da região de Minas Gerais, aqui próximo do DF. O braço, sempre uso braço de mogno porque eu acho que é a melhor madeira pro braço, tanto de viola como de violão. Apesar de ter pessoas que gostam muito do cedro também, mas eu prefiro usar o mogno, ele é muito mais estável, a chance dessa madeira aqui empenar é muito pequena.

**Domingos: A característica da madeira dessa peça tem que ser mais firme?**

**Sousa:** É, ela tem que ser uma madeira boa pra se trabalhar, pra se moldar, porque esse molde aqui é feito todo na grossa, na mão. Eu não tenho um gabarito pra fazer isso aqui, fazer na máquina, então tem que ser no olho mesmo e na grossa. Tem que ser uma madeira macia pra se trabalhar e uma madeira resistente ao mesmo tempo, que não empene. O mogno, na minha opinião, é o melhor que tem.

**Domingos: E como você sabe que chegou no ponto?**

**Sousa:** Da espessura você fala?

**Domingos: É.**

**Sousa:** Aqui eu tenho um tensor, esse tensor tem um centímetro de altura, então tenho que fazer essa medida aqui. É no paquímetro, vou medindo, é mais ou menos, não dá pra ter uma precisão cem por cento, mas eu deixo quatro milímetros aqui de madeira, além do tensor. Então é muito melindroso o serviço, se você afundar demais chega no tensor, aí você

estragou o braço. Tem que recolocar, fazer outro braço, é muito complicado, mas isso aqui tenho já experiência, eu nunca errei. A escala aqui é de jacarandá-da-bahia também. A escala os construtores usam muito ébano africano. Só que o ébano está muito difícil, chega muito caro pra gente, mas o jacarandá, na minha opinião, não perde quase nada em questão da sonoridade pro ébano. E se você escolher uma peça bem escura como essa... Quem olha de longe o instrumento acha até que é de ébano. Mas prefiro usar o jacarandá por essas questões. O cavalete também, jacarandá-da-bahia é muito bom pra isso. Inclusive, muitos construtores preferem o jacarandá-da-bahia, pro cavalete, ao ébano. Esse tampo é de abeto, abeto europeu.

**Domingos: E a característica do tampo, como é a madeira do tampo?**

**Sousa:** A madeira do tampo, no Brasil, alguns luthiers usam madeiras brasileiras, mas a maioria dos luthiers, hoje, usam madeiras importadas porque valoriza mais o instrumento e realmente são madeiras melhores... As da família do abeto, os pinhos, pinho alemão, pinho sueco está dentro dos abetos. Depois nós temos sitka americana. Todas essas madeiras são de região fria. Pra viola e pra violão clássico é muito usado o cedro canadense. Eu gosto muito de trabalhar com cedro canadense, tenho cedro canadense aqui, depois vou mostrar. Na minha opinião, o tampo é o coração do instrumento. O tampo bem feito é que faz toda diferença na sonoridade, então aqui você tem que buscar uma espessura que ele não venha depois a danificar, dar rachadura aqui, ou abaular isso aqui por conta da tensão das cordas. Mas você também não pode deixar muito espesso, senão você prejudica a sonoridade, porque esse tampo tem que vibrar, vibrar muito [*Dedilha a viola*] Você toca a corda, ele vai vibrar aqui no rastilho, que vibra o cavalete, que vibra todo o tampo. Joga na caixa e a caixa joga pra fora. É isso, tem que ser muito bem trabalhado esse tampo aqui. A viola de quinze cordas foi um trabalho imenso para eu chegar na espessura correta, porque você tem que pensar na tensão que triplicou praticamente, usamos corda de baixo lá. Por outro lado, você não pode deixar muito espesso também, porque senão não daria um som bom. Isso foi pra mim a maior dificuldade, chegar naquilo que está naquele instrumento, foi exatamente o tampo, chegar nessa espessura do tampo.

**Domingos: Já a gente chega nela... E na mão ali, você pode falar um pouco da mão dela?**

**Sousa:** Sim. O *headstock* aqui eu costumo fazer esse detalhe. Esse detalhe foi feito com uma madeira chamada canela, essa mesma canela utilizada pra culinária. É uma madeira escura também e muito boa pra instrumento. O fundo e lateral, inclusive, tenho uma prancha muito boa de canela que vou começar a trabalhar com ela. Esses detalhes aqui, a marchetaria, compro já pronto esses filetes, vêm de São Paulo, mas eu produzo alguns, uns mais simples produzo também lá no meu ateliê.

**Domingos: E a roseta, como você escolhe?**

**Sousa:** Essas rosetas também tem algumas que eu faço a pedido do cliente. Acho que valoriza mais o instrumento quando é feito também a roseta artesanalmente. Essa desse

instrumento é pronta, eu compro pronto também do mesmo fornecedor dos filetes. É bem mais fácil pra trabalhar, a roseta que a gente faz é muito mais difícil o trabalho, você tem que planejar todo um trabalho aqui, é mais complicado. É de madeira também, muita gente olha assim e acha que é um adesivo. Por exemplo, a indústria tem alguns instrumentos desses mais em conta, desses mais econômicos, é um adesivo que eles colam. Aqui não, é madeira cravada no tampo.

**Domingos: Tem alguma parte do processo que você gosta mais de fazer?**

**Sousa:** O braço. Esse molde do braço é bem legal fazer. Quando a gente termina, que usa a última gramatura de lixa, aí a gente vê o brilho que deu, como é que vai ficar a madeira mesmo, dá uma sensação muito boa, sabe?

**Domingos: E a compensação do rastilho ali, pra viola é diferente do violão?**

**Sousa:** Sim, a afinação da viola é muito mais complexa. Inclusive, alguns construtores fazem os trastes da viola tortos pra fazer essa compensação. Eu tenho estudado bastante sobre isso, mas ainda não consegui chegar a uma conclusão, tanto que não uso isso nos meus instrumentos, porque ainda não cheguei a uma conclusão que aquilo realmente melhore na sonoridade. Mas eu compenso aqui, eu uso um rastilho mais largo aqui, exatamente pra ter margem pra fazer a compensação. Os percussores desses trastes tortos foram os irmãos Binatti. A informação que tenho é que o Goiano, da dupla Goiano e Paranaense, estava tendo uma dificuldade com o instrumento dele e chegou pros irmãos Binatti, pediu para, em alguns pontos, eles entortarem o traste dessa viola, especificamente. Aí essa coisa pegou e muita gente está usando. Só que eu já vi uns que estão entortando quase todos os trastes do instrumento, talvez por modismo, não sei, mas ainda não cheguei à conclusão se de fato aquilo melhora na afinação do instrumento.

**Domingos: E essa viola, quando ficou pronta, você já teve uma reação diferente da primeira?**

**Sousa:** Ah, bem! *[Risos]* Bem diferente! A gente já começa a fazer a coisa bem mais pro profissional mesmo e totalmente diferente. Um instrumento bem leve, apesar de o cedro ter essa característica, ser bem leve em relação ao jacarandá, mas nessa viola eu achei o ponto correto, tanto do tampo como das travessas internas, do tamanho certo, das especificações. Eu acho que é um instrumento que dá pra seguir esse padrão.

**Domingos: Você pode mostrar um pouquinho o som dela?**

*[Dedilha trecho instrumental na viola]*

**Domingos: Na viola tem a questão da audição da música e da música caipira de duplas mesmo, você gosta de ouvir?**

**Sousa:** Também. Eu gosto muito do estilo do Almir Sater na viola. Tem uma rapaziada nova também fazendo um estrago na viola aí, tem um pessoal que gosto demais, Lucas Reis e Thácio, os camaradas estão arrebetando aí na viola. Inclusive, eu gostaria muito de ver uma viola minha na mão do Thácio. *[Risos]* O cara toca muito mesmo.

**Domingos: Quando você vê alguém tocando a viola que você fabricou...**

**Sousa:** Ah, dá uma sensação boa. Você ver um músico profissional tocando legal é uma sensação muito boa. Inclusive, aqui no DF, alguns músicos que têm, eu sempre acompanho. Procuro ir nos lugares que eles tocam, pra estar acompanhando de perto. Tem uns amigos nossos, eles sempre tocam aqui em Taguatinga, eu e minha esposa, sempre a gente acompanha lá.

**Domingos: Você acompanha o cenário da viola no Distrito Federal como um todo?**

**Sousa:** Sim, no DF e no Brasil, em geral sempre estou acompanhando.

**Domingos: Como você acha que está a viola hoje em dia?**

**Sousa:** Tem muita gente jovem querendo tocar viola, isso é muito legal. Eu acho que está muito boa essa questão, os jovens querendo aprender a tocar viola, muito legal isso!

**Domingos: Você trouxe umas peças aí? Poderia mostrar pra gente?**

**Sousa:** Sim... *[Apresenta peças de madeira de violas em construção]* Aqui nós temos um tampo quase pronto, já foi colocada a roseta. Você pode ver que essa diferença aqui é exatamente por conta da espessura da roseta, ela é bem espessa. E aqui está faltando um leque harmônico, que é uma coisa muito importante. Existem vários modelos de leque harmônico, eu estabeleci um padrão para usar nos meus, estou satisfeito com ele, mas isso varia muito de construtor pra construtor. A viola tem um modelo de leque, o violão clássico já tem outro, o violão de aço já tem outro tipo de leque. Aqui falta a colocação do leque. Esse tampo aqui é sitka americana. Gosto muito de trabalhar com essa madeira porque ela é uma madeira bem mais resistente pra questão de tensão. Você pode botar uma tensão alta na viola, com esse tampo aqui, não vai ter problema de rachar ou de abaular aqui no local do cavalete. É uma madeira que estou gostando demais de trabalhar com ela.

**Domingos: Você afinar em Mi é tranquilo, ela resiste bem?**

**Sousa:** Isso, pode afinar tranquilo até com a tensão maior. Essa viola está com a tensão leve. Geralmente se usa tensão leve, das cordas, mas você pode botar uma tensão média ou até alta aqui nesse tampo, com essa madeira, que não vai ter problema. Aqui nós temos uma peça de jacarandá-da-bahia, é um fundo já quase pronto também. Já foi colocado esse adorno, é um filete e aqui do outro lado dá pra observar, desse lado ele está já com verniz. Eu faço isso porque o jacarandá tem uma característica: é muito rachador. Então, a depender da espessura que você deixa aqui, pode aparecer trinca, principalmente aqui no

DF, que nós temos problema de clima, mudança brusca de clima, tem esse problema. Aí o que eu faço? Eu dou uma demão de verniz e espero um tempo pra ver se vai aparecer, porque quando você joga o verniz, se tiver tendência de aparecer alguma trinca vai aparecer. Faço isso com antecedência pra não ter problema. Essa peça, por exemplo, já passou no crivo, já está boa para ser usada.

**Domingos: Mas é uma coisa que você começou a experimentar?**

**Sousa:** Sim.

**Domingos: Ou o pessoal faz?**

**Sousa:** Eu não me lembro se vi alguém fazendo, mas me veio a ideia de fazer isso e está dando certo. *[Demonstra]* Desse lado vai ser colocado travessas. Esse verniz vai ser tirado com lixa, vou ter que lixar pra retirar, até porque tem que ir muita lixa ainda, antes da primeira demão definitiva do verniz. Aqui, no caso da viola, é colocado três travessas aqui. Se for um instrumento maior, a gente coloca quatro travessas, pra ficar mais seguro. Também é colocado um reforço por dentro, uma fitazinha, uma madeirazinha fininha, pra garantir essa colagem.

**Domingos: Esse fundo é de outra viola, que não vai ser dessa?**

**Sousa:** Sim, pode ser dessa aí.

**Domingos: Pode ser dessa?**

**Sousa:** É. Pode ser. As laterais têm que ser da mesma peça pra ficar com a mesma tonalidade, não diferenciar muito a tonalidade.

**Domingos: Vai ficar bonito esse tampo porque quando enverniza também fica mais escurinho?**

**Sousa:** Fica. Esse é um tampo bem escuro. Aqui nós temos uma peça que vai ser lateral. Ela está bem espessa, mas isso aqui eu vou trabalhar bastante ainda no desengrosso. Ela vai ficar, mais ou menos, uns dois milímetros a dois e meio, a depender da sonoridade que você quer no instrumento. A espessura da peça influencia muito também no que se pretende, no que o cliente deseja.

**Domingos: Como é, mais fina, mais grossa dá qual resultado?**

**Sousa:** É, quanto mais fino ele dá um som mais grave, quanto mais fina a peça. Isso vale também pro tampo, quanto mais preso o tampo, quanto mais solto o tampo, mais o instrumento vai dar um som mais aberto e mais grave um pouco. Se ele estiver muito preso ele vai ficar mais estridente. Tanto que aquelas violazinhas mais acinturadas são bem estridentes. É uma característica porque ela é muito acinturada, perde muito ali a questão

da caixa e é mais preso também o tampo. A gente vai trabalhar bastante essa peça ainda, pra chegar na espessura correta. É jacarandá-da-bahia também.

**Domingos: E depois que chega na espessura tem que moldar? Como é?**

**Sousa:** Sim. Chegou na espessura, você joga uma lixa, mais ou menos uma gramatura seiscentos, pra tirar as imperfeições mais grosseiras. A gente tem uma manta térmica e vai moldar na fôrma da viola com a manta térmica, é usado muito calor pra moldar. *[Demonstra]* Aqui nós temos duas escalas de jacarandá-da-bahia também. Essa escala aqui está sem *slot*, essa já está *slotada*, que a gente chama, já pronta pra colocação do traste. A escala pode ser abaulada e ela pode ser plana. Violões clássicos se usa escala plana, isso é uma tradição da maioria dos construtores, usar escala plana. Já na viola eu adotei usar ela abaulada, esse aí você pode observar que está abaulado com um raio de vinte. É bem suave, diferente das guitarras, as guitarras usam até raio doze, que é bem abaulado.

**Domingos: Você adotou por quê, na viola, fazer um pouquinho abaulado?**

**Sousa:** Eu acho mais confortável e os clientes estão aprovando isso. Eu tenho um cliente só que preferiu a escala plana. De quando eu comecei a construir mesmo, pra vender, só teve um cliente meu que escolheu escala plana. O restante, todo mundo optou por escala abaulada, acham mais confortável pra tocar. Aí a questão das rosetas, eu estava falando anteriormente, isso são peças de rosetas pra gente trabalhar, fazer. É em jacarandá-da-bahia, esse mais escuro e essa é outra madeira, não sei o nome dessa madeira, mas é muito bonita, olha só! Parece pintado, não é? Ainda não sei que madeira é essa.

**Domingos: Linda, essa é uma linda roseta!**

**Sousa:** Já fiz um violão com ela, ficou muito bonito. Aqui outras rosetas que a gente já compra pronta, é mais fácil de trabalhar. Isso aqui é um braço semipronto de viola, está meio grotesco ainda, mas a gente vai aplinar. Esse adorno aqui, ele serve tanto como adorno como um reforço pro braço. Você vê que ele atravessa aqui, isso é jacarandá e ele serve aqui como um tensor natural, apesar de que ainda vai ter o tensor. Os meus instrumentos... A maioria dos instrumentos industrializados, pra economizar madeira, fazem uma emenda aqui. *[Indica o local]* Pode observar que a maioria dos violões industrializados têm uma emenda e tem alguns deles que tem até quatro emendas. Aqui é inteiriço esse braço, é uma peça só, não tem emenda alguma, pode observar. Além de ficar mais bonito, depois do acabamento não vai ficar marca de emenda, fica mais reforçado.

**Domingos: E essa madeira?**

**Sousa:** Essa aqui é mogno. Eu adotei o mogno pros braços, não uso outra não. Aqui as travessas que vai no fundo, aquelas travessas que eu falei, elas já estão aqui abauladas. Tem uma curvatura, olha, está vendo? Consegue identificar a curvatura? É exatamente porque o fundo tem que ficar abaulado, tem que ficar assim, não pode ficar plano, então a gente já molda dessa forma, pra colagem já ficar assim.

**Domingos: Qual é o nome dessa peça?**

**Sousa:** Travessa.

**Domingos: Travessa.**

**Sousa:** A gente chama de travessa. *[Demonstra outras peças]* Isso aqui é um fundo de outra madeira, é uma espécie de jacarandá também, da família do jacarandá, só que aqui do cerrado. Essa madeira é aqui do cerrado, muito bonita também. Está bem seca, vai ser o fundo também de uma viola.

**Domingos: Do cerrado de onde? Você sabe de onde veio esse especificamente?**

**Sousa:** Não, da região específica não sei não. Eu sei que é do cerrado, proveniente aqui do cerrado. Esse aqui é uma madeira da família do jacarandá também, chamam jacarandá-caviúna.

**Domingos: Tem vários tipos de jacarandá?**

**Sousa:** Tem, entre espécies e subespécies do jacarandá é pra mais de cinquenta. Uma variedade enorme, mas os mais usados mesmo é jacarandá-da-bahia, jacarandá-caviúna, o jacarandá-paulista é muito usado também. Aqui nós temos, vocês estão sentindo o cheiro? Conseguiu exalar o cheiro? É muito cheirosa!

**Domingos: Acho que estou sentindo o cheiro dessa viola aqui...**

**Sousa:** Não, é da...

**Domingos: Nossa!**

**Sara: Verdade, muito cheiroso.**

**Sousa:** É uma pena que o pessoal lá atrás não vai conseguir sentir o cheiro!

*[Risos]*

**Domingos: Quem estiver assistindo?**

**Sousa:** É. Ele exala quando a gente está passando na máquina, que está plainando, mas é um cheiro bom demais! Esse é o cedro canadense, é uma madeira, o complicado de usar o cedro canadense é porque depois de acabado, se você encostar a unha assim, ele afunda. Ele é muito mole, então, pra danificar o instrumento depois, tem que ter muito cuidado, tem que estar muito bem protegido. Os violões clássicos, o pessoal do violão clássico usa muito essa madeira, os violões do Sugiyama aí, a maioria dos que conheço é com essa madeira no tampo, parece que ele adotou mesmo essa madeira e fez.

**Domingos: Uma projeção boa?**

**Sousa:** Isso. Aqui nós temos um kit de jacarandá-da-bahia, vai ser trabalhado ainda, pra fazer essa emenda, já está riscado, mais ou menos. Essa madeira é um pouquinho mais clara do que aquela. Esse é o famoso abeto, essa peça, esse kit, inclusive, dá para um violão, até um violão jumbo, porque ele é grande. Essa emenda é muito complicado pra se fazer, tem que trabalhar muito com cuidado, porque essa emenda não pode aparecer. Alguns instrumentos aparecem porque é a característica da madeira mesmo, já ter um veio aqui no meio que fica parecendo uma emenda. Pode observar nessa viola: aqui tem uma emenda, é quase imperceptível, então tem que ser uma emenda muito bem feita. Esse aqui eu fiz um gabarito próprio, na realidade, é uma prensa, pra eu fazer essa emenda. Faço a colagem e passa de um dia pro outro pra poder tirar da prensa, tem que ter muita força apertando pra não ficar essa marca da emenda aqui.

**Domingos: Você consegue, de antemão, prever o timbre que vai ficar o instrumento?**

**Sousa:** Sim, depois da caixa pronta, só a caixa, quando a gente pega nela, só em passar a mão você já tem mais ou menos a ideia de como vai ficar. Na própria peça, quando você cola, faz a colagem aqui, você passando a mão [*Movimenta as mãos na madeira indicando a sonoridade*], isso aqui já está dando um som. Você já consegue, mais ou menos, imaginar o som. Agora, é depois da caixa pronta que você consegue imaginar, mais ou menos e prever a sonoridade que vai sair, até porque ainda tem que afinar bastante pra ficar na bitola correta. E aqui nós temos uma peça pro cavalete, um cavalete semipronto, essa peça foi descartada porque houve um pequeno erro, mas é mais ou menos isso. Fiz esse bastante largo, essa abertura aqui pra colocação do rastilho. Exatamente pra gente trabalhar com mais precisão a questão da microafinação, eu gosto de fazer com bastante margem aqui. Essa peça está descartada, não vou usar essa. E aqui nós temos os filetes... Esse filete, por exemplo, fui eu mesmo que fiz. Já esses outros eu compro pronto, são mais trabalhados, os detalhes mais complicados pra se fazer, mas esses filetes mais simples eu mesmo faço.

**Tati: No caso dos filetes é madeira encaixada?**

**Sousa:** É madeira. As madeirinhas encaixadas. Eu já vi o vídeo do pessoal fazendo isso aqui, é incrível. É uma arte danada!

**Domingos: Pra você qual é a diferença fundamental entre um instrumento artesanal e industrial?**

**Sousa:** É a questão da sonoridade, eu acho que é grande, a sonoridade do instrumento artesanal é bem mais apurada, o som e a questão da durabilidade. Eu faço muito reparo em violões, principalmente de violão industrializado. Isso aqui é o principal problema da indústria hoje: a colagem do cavalete. É uma colagem muito mal feita e descola com facilidade. A viola caipira principalmente, porque tem muita tensão aqui. Eu pego muito instrumento também rachado exatamente nessa emenda que falei aqui, que os meus não têm emenda. Devido à tensão das cordas racha, até porque eles talvez usem, pra baratear o instrumento, cola ruim. Mas a diferença é grande, tanto que o músico profissional busca um

instrumento artesanal, a maioria dos músicos profissionais. A viola, eu vejo assim, no violão nós temos muita concorrência da indústria porque tem muito violão bom da indústria, já pra viola eu acho que a indústria está devendo um pouco em qualidade. É um instrumento tipicamente brasileiro e acho que a indústria está devendo um pouco pra viola.

**Domingos: Poderia falar um pouquinho daquela viola-violão, mostrar pra gente? Se puder começar falando de onde surgiu a ideia de fazer o instrumento?**

**Sousa:** Sim. A ideia desse instrumento foi de um cliente meu, o Leonardo, que está aqui. Ele me trouxe esse projeto. Eu já tinha feito um violão de dez cordas pra ele. Ele é mais do estilo clássico e aí ele me veio com esse projeto, eu até fiquei muito preocupado, mas aceitei o desafio de forma que terminei o violão e ele parece que está muito satisfeito com o projeto. Pra quem está acostumado a tocar viola convencional, quando pega isso aqui acha muito estranho, porque essa viola, por exemplo, o nut dela, a largura do nut está com quatro ponto sete, aquela lá *[indicando a viola convencional]*. Esse aqui está com dez e meio, não é? Dez e meio é mais que o dobro. É muito complicado você fazer nota nesse trem aqui, mas o cliente está satisfeito, é o que importa! *[Risos]* Bom, eu vou falar um pouco da configuração. A caixa é feita em jacarandá-da-bahia também, fundo e lateral. O braço em mogno, fiz esses dois reforços aqui porque, como ia ter muita tensão, resolvi fazer dois pontos de reforço em jacarandá também e coloquei um só tensor. Eu até pensei em colocar dois tensores, mas imaginei que a força estabelecida aqui, na hora de você regular o tensor, tinha que ser milimetricamente igual ao outro, porque senão podia torcer um lado mais do que o outro. Resolvi colocar um só, exatamente por conta disso: porque às vezes na regulagem, de repente outra pessoa ia fazer a regulagem e não ia ter essa noção, talvez ele ia apertar um tensor mais do que o outro, aí viria o problema de, talvez, torcer o braço. Então, preocupado com isso, resolvi colocar um só tensor e coloquei dois tensores naturais aqui, pra compensar isso. Mas eu acredito que, mesmo sem força de tensor, esse braço não vai empenar porque ele é muito largo, apesar de ter aumentado bastante a tensão aqui por conta das cordas. E, como eu já havia dito, foi um problema sério eu chegar na espessura correta desse tampo aqui. Exatamente por isso: porque eu tinha que imaginar um tampo que pudesse vibrar bem para dar um bom som e, ao mesmo tempo, pensar na questão da segurança do tampo, pra ele não abaular aqui nem rachar. De forma que percebi, em relação às violas convencionais, que ele abaulou um pouquinho, mas está dentro do limite. Inclusive, falei isso pro Leonardo, está dentro do limite. É um instrumento novo, tem que se avaliar ainda com o tempo. Toda criação tem que ir se estudando pra melhorar cada vez mais, mas eu e o Leonardo ficamos satisfeitos com a construção do instrumento. Espero construir mais aí! Uma coisa, também complicada, foi o *headstock* porque o *headstock* de um instrumento normal é pequeno aqui. Isso foi uma complicação fazer, por isso que ele é reto aqui e aqui ele é assim *[indicando o desenho do headstock no instrumento]*. Se eu tivesse colocado reto desse lado aqui também, as cordas finais aqui iam encostar nessas outras tarraxas, por isso fiz ele assim, arredondado. É um planejamento que tem que se fazer antes da colagem do

braço, porque se você não faz esse planejamento, quando você cola o braço não dá certo, você tem que descolar o braço, fazer outro braço, é uma complicação.

**Domingos: Isso que eu ia perguntar, sobre o processo de pesquisa pra construir esse instrumento?**

**Sousa:** Isso, tanto que eu demorei bem mais tempo pra construir esse instrumento por conta disso, porque você tem que estudar todos os detalhes.

**Domingos: E essa roseta aí?**

**Sousa:** Essa roseta fui eu que fiz. Eu mesmo que fiz e o bocal desse instrumento está bem maior... Aliás, eu esqueci de falar, essa caixa foi feita na caixa do violão clássico. Eu resolvi fazer exatamente pra aumentar um pouco as dimensões, por conta do tampo que foi mais espesso, pensei nisso, em aumentar um pouco, não fazer na caixa da viola convencional por isso e aumentei um pouco esse bocal aqui.

**Daniel: Qual o nome do instrumento?**

**Sousa:** Bom, é viola de quinze cordas. Viola bordão. Eu já vi algumas nomenclaturas nesse tipo, viola bordão. Só que não foi com cinco cordas aqui, cinco bordões. *[Dedilha o instrumento]* Está desafinado...

**Domingos: Pra afinar...**

**Sousa:** É complicação, tem que ir com o maior cuidado pra não quebrar a corda. Às vezes você erra aqui... Acho que foi quase quatro meses, de quando veio o projeto, três a quatro meses mais ou menos.

**Daniel: Pra fazer uma viola, quanto tempo leva?**

**Sousa:** Bom, tem que levar em consideração que não é a minha atividade principal. Eu faço as violas nas minhas horas vagas, por isso minha produção é um pouco limitada, mas em vinte dias eu consigo fazer trabalhando direitinho. Sem a mulher reclamar muito, porque você não pode ficar muito tempo lá dentro também não, do ateliê, senão ela reclama, tem que dosar isso também! *[Risos]* Mas em vinte dias eu consigo fazer um instrumento com tranquilidade. Obedecendo todo o tempo aí da cura, da colagem, tudo certinho. Com vinte dias, mas normalmente é trinta dias que eu levo pra finalizar um instrumento.

**Domingos: Porque a cola também tem que ser feita com a umidade do ar?**

**Sousa:** Sim, tem muito a ver e o verniz principalmente. A questão da umidade, o verniz é mais complicado, por exemplo, tempo chuvoso demais não é muito bom você aplicar o verniz... O clima do DF é muito prejudicial pra madeira, essa questão de trincar por conta da mudança do clima, mas ele tem um fator bom: o clima seco é bom pra você aplicar o verniz, então tem essa outra questão que compensa.

**Domingos: Na época seca qual a recomendação que você dá pros músicos?**

**Sousa:** Bom, alguns músicos utilizam uma buchinha que eles mesmos preparam. Já existe um equipamentozinho que eles põem dentro do instrumento, é vendido, me parece que no mercado livre deve ter, já ouvi alguém falando que eles usam, não conheço esse equipamento. O que aconselho é não deixar, em hipótese nenhuma, o instrumento dentro de carro, no sol. Evitar colocar próximo a parede que pega sol porque o instrumento não pode ter temperatura muito alta perto dele, corre o risco de rachar. Mas o músico profissional geralmente é muito cuidadoso com o instrumento.

**Domingos: E o que significa pra você construir instrumentos?**

**Sousa:** É muito gratificante você ver um instrumento na mão de um músico profissional. Pra mim é gratificante demais!

**Domingos: Tem outras madeiras do cerrado que você acha que são boas pro instrumento?**

**Sousa:** Tem muita gente estudando sobre essa questão de madeira, até pela escassez das madeiras principais que se usa hoje, o jacarandá, o mogno, essas madeiras, a escassez cada vez maior. Tem muita gente estudando, pesquisando sobre novas madeiras e usando mesmo, testando, acho muito importante isso. Eu fiz um violão clássico de uma madeira chamada sassafras, fiquei impressionado com a sonoridade dele. É uma madeira rara inclusive, estive pesquisando sobre ela: madeira rara, não tem histórico de construção de instrumento com essa madeira, eu vi pouca coisa sobre isso, mas gostei demais da sonoridade do sassafras. Existem muitas madeiras que podem ser utilizadas, a gente precisa ir pesquisando e trabalhando pra chegar realmente à conclusão que outras madeiras também são boas.

**Domingos: Sobretudo madeiras brasileiras?**

**Sousa:** Brasileiras. Exatamente.

**Domingos: Pra sua vida profissional tem algum complemento essa questão da luteria? Pra sua vida da outra profissão?**

**Sousa:** Sim, demais. Eu exerço uma profissão que é tida como uma profissão muito estressante. Inclusive, há muitos problemas psicológicos e eu acho que isso ajuda demais. Essa questão de você trabalhar com a coisa manual ajuda demais na questão psicológica.

**Domingos: Você tem amigos que são violeiros lá?**

**Sousa:** Tenho, sempre tem *[Risos]* Sempre tem alguém metido a cantor, a tocador, eles gostam demais e divulgam também meu trabalho lá. Muito legal! Já construí instrumento pra alguns colegas e faço reparo sempre. Todo mundo tem um violão em casa que precisa de um reparo, não é? *[Risos]* Aí sempre estou fazendo alguma coisinha lá pros colegas.

**Domingos: No momento você está produzindo alguma viola? Tem demanda? Como está?**

**Sousa:** Sim, sempre tenho. Todo mês eu tenho uma encomenda. Agora está nessas proximidades das festas de final de ano, dei uma parada por conta disso, mas logo que retornar, no início do ano que vem, em janeiro agora. Tem que recomeçar, tem duas encomendas, tem que pegar firme.

**Domingos: Qual mensagem você daria pra quem está começando nesse caminho da luteria?**

**Sousa:** Da luteria. Bom, primeiro, tem que estudar bastante. Não basta a pessoa achar que é só a prática. Eu acho que tem que pesquisar bastante, tem que estudar. Uma coisa muito importante é você fazer contato com as pessoas mais experientes da área, trocar informação. Trocar experiência é uma coisa muito importante. Eu até queria fazer uma referência a um camarada que conheci quando eu estava começando, procurando madeira, eu não tinha experiência nenhuma com isso, é o seu Ari. Ele trabalha com madeira há muito tempo, é um conhecedor de madeira, ele não mexe com instrumento musical, mas faz móveis. Um cara muito bom e ele me ajudou demais, emprestou as ferramentas dele porque eu não tinha ferramenta nenhuma. É um camarada, gosto demais dele, sempre estou entrando em contato com ele. Inclusive, eu presenteei ele com um violão. Ele tinha o sonho de ter um violão de doze cordas, fiz um violão, dei pra ele e ele muito satisfeito. Eu queria fazer essa referência a ele, um camarada que me ajudou no início. É muito importante essa troca de experiência com as pessoas da área, principalmente as pessoas que conhecem, trabalham já há muito tempo com madeira. É isso!

**Domingos: Vou fazer umas perguntas pra você, pra gente ir finalizando, que eu tenho feito para todos. A gente tem entrevistado mais músicos, violeiros e violeiras, mas aproveitar a oportunidade... Você se sente caipira?**

**Sousa:** Sim. Sim. *[Risos]* Ó, a mulher falou que também!

**Domingos: Por quê, o que é ser caipira?**

**Sousa:** Ser caipira eu acho que é gostar da cultura da roça. Essa coisa de gostar de estar na roça... Aquela turma de gente fazendo pamonha, tem um pouco de caipira nisso e eu gosto desse ambiente, de estar nesse ambiente da roça. É muito bom isso!

**Domingos: Como você acha que vai ser o caipira do futuro?**

**Sousa:** É uma pergunta complicada! *[Risos]* Como vai ser o caipira do futuro? Bom, como falei anteriormente, se tem essa galera nova aí querendo aprender a tocar viola, acho que se eles continuarem nesse caminho, a tendência é continuar do jeito que está. Hoje não tem, se eles continuarem nessa perspectiva de querer continuar a cultura da questão da viola, é importante pra manter, continuar a tradição.

**Domingos: Você acha que a madeira tem a ver com a gente? Com o ser humano?**

**Sousa:** Sim. O Sugiyama fala que a madeira tem uma relação muito próxima com a gente, com essa questão da gente gostar de música, ele tem essa teoria.

**Domingos: Daqui pra frente como você acha que vai ser a viola? O futuro da viola no Brasil?**

**Sousa:** Bom, tem tudo pra continuar essa tradição, não é? Se essa garotada nova aí continuar realmente eu acho que tem perspectiva de melhorar ainda mais, de colocar a viola num estágio até melhor do que é hoje, no cenário geral da música.

**Domingos: É importante o músico conhecer também parte da luteria?**

**Sousa:** Demais, eu acho que é importante demais, tanto que o histórico da luteria, a maioria dos luthiers eram músicos. Mesmo os que não eram profissionais, mas amadores assim como eu. A partir daí, na busca de um instrumento, talvez personalizado, ou um instrumento com a sonoridade adequada aos ouvidos daquele determinado músico, ele buscou a construção exatamente por isso. Aí, como eu, entrou inicialmente por *hobby*, continuou a ganhar clientes e tal... E seguiu realmente na profissão como luthier.

**Domingos: Hoje, pra gente que é músico, é muito bom porque tem muito, está crescendo também a profissão da luteria, não é?**

**Sousa:** Também, demais. Inclusive, estou até impressionado com isso, porque de quando eu comecei, tem mais ou menos dois anos e meio a três anos que eu comecei, de fato, a construir mesmo pra vender, estou percebendo que está crescendo demais. Eu vejo anúncio, muitos anúncios de instrumentos de luthiers. Isso é importante, ter a concorrência também é saudável!

**Sara: Se você fosse uma música qual música você seria?**

**Sousa:** Se eu fosse uma música... Uma música? Posso cantar um pedacinho?

*[Risos]*

**Domingos: Pode! Por favor!**

*[Toca na viola caipira e canta a música "Rastro da lua cheia", de autoria de Almir Sater e Renato Teixeira]*

*No quintal lá de casa*

*Passava um pequeno rio*

*Que descia lá da serra*

*Ligeiro, escorregadio*

*A água era cristalina  
E dava pra ver o chão  
Ia descendo a floresta  
Na direção do sertão  
Lembranças ainda me restam  
Guardadas no coração  
E tudo era azul celeste  
Brasileiro cor de anil  
Nem bem começava o ano  
Já era final de abril  
E o vento pastoreando  
Aquelas nuvens no céu  
Fazia o mundo girar  
Veloz como um carrossel  
E levantava poeira  
E me arrancava o chapéu  
Ai o tempo faz  
Tempo desfaz  
E vai além sempre  
A vida vem lá de longe  
É como se fosse um rio  
Pra rio pequeno canoa  
Pros grandes rios navios  
E bem lá no fim de tudo  
Começo de outro lugar  
Será como Deus quiser*

*Como o destino mandar*

*No rastro da lua cheia*

*Se chega em qualquer lugar.*

**Sousa:** Seria essa! *[Risos]*

\*\*\*\*